



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**AQUISIÇÃO DO PERFECT EXISTENCIAL ASSOCIADO AO PRESENTE
POR FALANTES NATIVOS DE INGLÊS L1 ADQUIRINDO PORTUGUÊS
BRASILEIRO L2**

ÉRICA SILVA REBOUÇAS

Rio de Janeiro
2023

ÉRICA SILVA REBOUÇAS

AQUISIÇÃO DO PERFECT EXISTENCIAL ASSOCIADO AO PRESENTE
POR FALANTES NATIVOS DE INGLÊS L1 ADQUIRINDO PORTUGUÊS
BRASILEIRO L2

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Leitão Martins

Rio de Janeiro
2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

ÉRICA SILVA REBOUÇAS

118104487

AQUISIÇÃO DO PERFECT EXISTENCIAL ASSOCIADO AO PRESENTE
POR FALANTES NATIVOS DE INGLÊS L1 ADQUIRINDO PORTUGUÊS
BRASILEIRO L2

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Data de avaliação: 23 / 07 / 2023

Banca Examinadora:

Adriana Letão Martins NOTA: 10,0
Profª. Drª. Adriana Letão Martins (UFRJ) – Presidente da Banca Examinadora

Ana Regina Vaz Calindro NOTA: 8,5
Profª. Drª. Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ)

MÉDIA: 9,25

Assinaturas dos avaliadores: Adriana Letão Martins
Ana Regina Vaz Calindro

CIP - Catalogação na Publicação

S292a Silva Rebouças, Érica
Aquisição do perfect existencial associado ao presente por falantes nativos de inglês L1 adquirindo português brasileiro L2 / Érica Silva Rebouças. -- Rio de Janeiro, 2023.
43 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Inglês, 2023.

1. Aquisição de L2. 2. Perfect existencial. 3. Português. 4. Inglês. I. Leitão Martins, Adriana, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todos que fazem parte da minha vida e me ajudaram a chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha família, ao meu namorado Bryan, aos meus amigos, a todos aqueles que me querem e me fazem bem e torcem por mim. Agradeço também a todos do Grupo Biologia da Linguagem, em especial, à minha querida orientadora Adriana Martins, pela dedicação, apoio, ensinamentos e parceria que já dura tantos anos.

*Por muito tempo esperei
Acreditar e lutar
Sonhar e realizar
Foi o que sempre pensei*

*Por muito tempo duvidei
Abandonar ou esperar
Largar ou terminar
Mas sempre superei*

*Cada dia
De cada vez
Um novo dia*

*Chega de agonia
Agora é a minha vez
De conquistar o que sempre sonhei*

Érica Rebouças

RESUMO

REBOUÇAS, E. S. **Aquisição do *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos de inglês L1 adquirindo português brasileiro L2.** 2023. 43f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho buscou contribuir para os estudos de aquisição de L2 e para a investigação da realização do aspecto *perfect* existencial. Especificamente, investigou-se a aquisição do aspecto *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes do português brasileiro como L2 de níveis iniciante, intermediário e avançado e também se investigou se havia transferência do padrão de realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente do inglês norte-americano L1 para o português brasileiro L2 por aprendizes de níveis iniciante, intermediário e avançado. As hipóteses foram que i) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes do português brasileiro como L2 em nível iniciante transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente e ii) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes do português brasileiro como L2 em nível intermediário e avançado não transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente. Para isso, aplicaram-se duas versões de um teste de decisão adaptado de Rebouças (2021) em português a informantes nativos de inglês norte-americano com diferentes níveis de proficiência. A partir da análise dos resultados, a hipótese (i) não foi refutada e a hipótese (ii) foi refutada, pois identificou-se que os informantes dos níveis iniciante, intermediário e avançado parecem transferir padrões da L1 para L2 no que diz respeito à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente.

Palavras-chave: Aquisição de L2. *Perfect* existencial. Português. Inglês.

ABSTRACT

REBOUÇAS, E. S. **Acquisition of the existential perfect associated with the present by native English speakers acquiring Brazilian Portuguese as an L2.** 2023. 43 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

This study aimed to contribute to the research on L2 acquisition and the investigation of the realization of the existential perfect aspect. Specifically, the acquisition of the existential perfect aspect associated with the present was examined among native speakers of American English who were learners of Brazilian Portuguese as an L2 at beginner, intermediate, and advanced levels. The study also investigated whether there was a transfer of the pattern of realizing the existential perfect aspect from L1 American English to L2 Brazilian Portuguese among learners at beginner, intermediate, and advanced levels. The hypotheses were as follows: i) beginner-level learners who are native speakers of American English transfer patterns from L1 to L2 regarding the realization of the existential perfect aspect associated with the present, and ii) intermediate and advanced-level learners who are native speakers of American English do not transfer patterns from L1 to L2 regarding the realization of the existential perfect aspect associated with the present. To investigate this, two versions of a decision test adapted from Rebouças (2021) were administered in Portuguese to different native speakers of American English. Based on the analysis of the results, hypothesis (i) was not refuted, and hypothesis (ii) was refuted, as it was identified that informants at the beginner, intermediate, and advanced levels appear to transfer patterns from L1 to L2 regarding the realization of the existential perfect aspect associated with the present.

Keywords: L2 Acquisition. Existential perfect. Portuguese. English.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTO <i>PERFECT</i>	14
2.1 Caracterização do <i>perfect</i>	14
2.2 Realizações do <i>perfect</i>	15
3 AQUISIÇÃO DE L2	20
4 METODOLOGIA	24
5 RESULTADOS E ANÁLISES	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está ancorado no modelo teórico gerativista. O gerativismo, proposto por Chomsky (1957), é uma abordagem linguística que tem como pressuposto a modularidade da mente, que indica que a mesma é operada por meio de módulos que apresentam princípios específicos e que interagem entre si. Além disso, considera-se também um módulo essencialmente linguístico, a faculdade da linguagem, que é inato a todos os seres humanos e responsável pelo conhecimento linguístico.

Nessa abordagem linguística, também se assume a existência de uma gramática universal (GU), que diz respeito a um aparato genético essencialmente linguístico e é compartilhada por todos os seres humanos. A partir da GU, as crianças, quando expostas aos estímulos linguísticos de uma determinada língua, desenvolvem a gramática particular, que corresponde ao conhecimento de uma língua específica.

A Hipótese do Período Crítico para a aquisição da linguagem, proposta por Lenneberg (1967), considera que a aquisição da linguagem é iniciada aos dois anos de idade e o progresso no desenvolvimento da linguagem é cessado por volta dos doze ou treze anos de idade. Essa hipótese é baseada em explicações neurológicas, que considera, por exemplo, que muitas mudanças eletroquímicas do cérebro são estabilizadas por volta da puberdade e também está associada à lateralização hemisférica do cérebro, em que se estabelecem as funções linguísticas.

A GU consiste em um sistema de princípios e parâmetros, o primeiro diz respeito ao conjunto de regularidades universais e, o segundo, diz respeito às variações possíveis entre as línguas. Assim, a GU apresenta traços linguísticos universais, como os de aspecto e os de tempo. O aspecto, categoria principal a ser investigada neste trabalho, corresponde a distintas formas de se observar a constituição temporal interna de uma situação, segundo Comrie (1976). Esse aspecto pode ser dividido em gramatical e semântico¹. O gramatical pode se manifestar por meio da morfologia verbal.

Neste trabalho, o foco encontra-se em outro aspecto gramatical, o *perfect*, o qual é veiculado nas sentenças das línguas junto a um dos dois aspectos elencados ao final do parágrafo anterior. O *perfect*, segundo Comrie (1976), quando associado ao presente, diz respeito a uma situação que começou ou ocorreu no passado, mas que continua ou ainda possui relevância no presente. McCawley (1981) divide o *perfect* em universal e existencial.

¹ O aspecto semântico pode se manifestar por meio de itens lexicais e se refere a traços semânticos inerentes à raiz do verbo, aos argumentos e também aos adjuntos presentes nas sentenças.

Ainda em relação ao aspecto *perfect*, Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), ao analisarem tal aspecto associado ao presente, indicam que o *perfect* universal diz respeito à informação aspectual expressa em sentenças em que se faz referência a uma situação que se iniciou no passado e que persiste até o presente, enquanto o *perfect* existencial diz respeito à informação aspectual expressa em sentenças em que se faz referência a uma situação que acabou no passado e que apresenta efeitos no presente.

Especificamente, neste trabalho, o foco se restringe ao *perfect* do tipo existencial, o qual pode ser realizado por meio de construções verbais distintas nas duas línguas que são objeto de estudo desta pesquisa, o inglês – que dispõe do passado composto para veicular tal aspecto – e o português – que só dispõe do passado simples para veicular tal aspecto – como demonstram, respectivamente, os exemplos em (1) e (2) apresentados a seguir:

(1) *Mary has already traveled to Europe.*

(2) Maria já **viagrou** para a Europa. / *Maria já **tem viajado** para a Europa.

Tendo em vista as diferenças na realização verbal do *perfect* existencial ilustrada por meio dos exemplos em (1) e (2) acima, desenvolveu-se a pergunta de pesquisa deste estudo: como lidam os aprendizes de português L2, falantes nativos do inglês L1, no desenvolvimento do conhecimento linguístico daquela língua? White (2003) aponta que, assim como o conhecimento linguístico da L1, o conhecimento da L2 é representado em uma gramática mental. Além disso, a L2 é aprendida de modo consciente por meio de esforço pelo aprendiz e é considerada qualquer língua a ser aprendida após o período crítico de aquisição da linguagem, ou seja, o período que se estende até a puberdade, segundo Lenneberg (1967), em que um falante é capaz de adquirir a sua L1.

White (2003) indica que 3 hipóteses são consideradas em relação à atuação da GU no processo de aquisição da L2: i) não há acesso, de modo que a GU é inválida no processo de aquisição da L2; ii) há o acesso total (acesso direto), de modo que a GU atua na aquisição de L2 em seu estágio inicial e iii) há o acesso parcial (acesso indireto), de modo que o acesso à GU é mediado pela L1. Neste trabalho, conforme será abordado no terceiro capítulo, em consonância com White (2003), considera-se a hipótese (ii).

Leffa (1988) destaca que o termo “L2” possui duas acepções distintas: a de segunda língua e a de língua estrangeira. O primeiro diz respeito à língua aprendida mediante à sua exposição não apenas em sala de aula, mas também no cotidiano do falante, o que seria o caso,

por exemplo, de um norte-americano que estuda português e vive no Brasil. E o segundo diz respeito à língua aprendida mediante à sua exposição exclusivamente em sala de aula, sem que o falante esteja inserido na comunidade em que a língua estudada é a língua local, o que seria o caso, por exemplo, de um norte-americano que estuda português e vive nos Estados Unidos da América. O foco deste trabalho são os falantes norte-americanos que possuem como L1 a língua inglesa e que são aprendizes de português brasileiro como L2, sendo em contexto de segunda língua ou de língua estrangeira. Além disso, considera-se como L2 qualquer língua aprendida após o período crítico, independentemente de essa língua ter sido aprendida como segunda, terceira ou quarta língua, por exemplo.

De maneira geral, este trabalho busca contribuir para os estudos de aquisição de L2 e para a investigação da realização do aspecto *perfect* existencial. Especificamente, busca-se investigar: i) a aquisição do aspecto *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 de níveis iniciante, intermediário e avançado e ii) se há transferência do padrão de realização verbal do aspecto *perfect* existencial do inglês norte-americano L1 para o português brasileiro L2 por aprendizes de níveis iniciante, intermediário e avançado.

As hipóteses deste trabalho são de que i) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes do português brasileiro como L2 em nível iniciante transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização verbal do aspecto *perfect* existencial associado ao presente e ii) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes do português brasileiro como L2 em nível intermediário e avançado não transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização verbal do aspecto *perfect* existencial associado ao presente.

Para alcançar os objetivos propostos, foi aplicado um teste linguístico de decisão em duas versões, sendo uma delas com a possibilidade de seleção de mais uma resposta e a outra com a exigência de se selecionar somente uma resposta. Esse teste linguístico foi adaptado de Rebouças (2021) e cada versão foi aplicada a um grupo distinto de participantes, que foram divididos em três subgrupos com diferentes níveis de proficiência. Além disso, antes de cada versão do teste, foi apresentado um questionário inicial para fornecimento de informações pessoais dos participantes para que fosse possível verificar algumas questões como: onde nasceram, se já moraram ou se moram no Brasil, tempo de estudo do português, habilidades linguísticas no português, nível de proficiência, etc.

A partir desta pesquisa, espera-se contribuir com os estudos na área de aquisição de L2 e também com a discussão acerca de uma possível transferência do inglês L1 para o português L2 por parte de aprendizes norte-americanos. Além disso, espera-se contribuir para estudos

acerca do aspecto *perfect* e para a descrição das realizações verbais desse aspecto no português por falantes norte-americanos aprendizes do português brasileiro como L2.

Essa monografia está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentou-se a introdução deste estudo; no segundo capítulo, trata-se do aspecto *perfect*; no terceiro capítulo, faz-se uma revisão acerca de aquisição de segunda língua; no quarto capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada neste trabalho; no quinto capítulo, apresentam-se os resultados e a análise dos dados obtidos; e, no último capítulo, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa.

2 ASPECTO *PERFECT*

Segundo Comrie (1976), o aspecto se refere a distintas formas de se observar a constituição temporal interna de uma situação. O aspecto pode ser semântico ou gramatical. O primeiro pode ser expresso por meio de itens lexicais e se refere a traços semânticos inerentes à raiz do verbo, aos argumentos e aos adjuntos da sentença, enquanto o segundo pode ser expresso por meio da morfologia verbal.

Além disso, Comrie (1976) aponta a existência de dois aspectos gramaticais básicos, a saber: o perfectivo e o imperfectivo. O primeiro descreve a situação como um bloco completo, em que há início, meio e fim, enquanto o segundo descreve a situação de modo que uma de suas fases internas seja destacada. Além desses, Comrie (1976) propõe a existência do aspecto *perfect*, que é o foco deste trabalho. Sendo assim, nas seções deste capítulo, aborda-se esse aspecto, primeiro, com foco na sua caracterização e, em seguida, nas realizações desse aspecto na língua inglesa e na língua portuguesa.

2.1 Caracterização do *perfect*

Segundo Comrie (1976), o aspecto *perfect*, quando associado ao presente, indica uma situação que ocorreu ou começou no passado, mas que continua ou tem efeitos no presente. McCawley (1981) divide o *perfect* em universal e existencial. Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) apontam que, associado ao presente na língua inglesa, o *perfect* universal diz respeito à informação aspectual expressa em sentenças em que se faz referência a uma situação que se iniciou no passado e que persiste até o presente, como no exemplo em (3), enquanto o *perfect* existencial diz respeito à informação aspectual expressa em sentenças em que se faz referência a uma situação que acabou no passado e que apresenta efeitos no presente, como no exemplo em (4).

(3) *I have been sick since 1990.*

‘Eu estou doente desde 1990.’

(4) *I have lost my glasses.*²

‘Eu perdi meus óculos.’

No exemplo em (3), o evento “estar doente” perdura de um momento do passado até o momento presente. Já em (4), a situação de “perder os óculos” ocorreu em um determinado momento no passado e a repercussão desse evento se dá em um momento no presente. Ou seja, o “óculos” ainda não foi encontrado, caso tivesse sido encontrado e a pessoa estivesse apenas relatando o acontecimento, o uso do pretérito perfeito simples “lost” seria utilizando pressupondo que o “óculos” já foi encontrado.

Na próxima seção, consideram-se estudos na literatura acerca do *perfect* universal e do *perfect* existencial no que diz respeito à realização desse aspecto na língua inglesa e na língua portuguesa.

2.2 Realizações do *perfect*

Nesta seção, abordam-se as realizações morfossintáticas do aspecto *perfect* universal e existencial nas línguas inglesa e portuguesa. Em relação ao inglês, destacam-se as realizações do inglês americano e, em relação ao português, destacam-se as realizações do português brasileiro.

Em investigação sobre a realização do *perfect* universal no inglês americano associado ao presente, Jesus (2016) analisou dados de fala espontânea obtidos por meio do *corpus* do projeto *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* e verificou que esse aspecto é veiculado no inglês americano por meio das seguintes formas verbais: *present perfect*, *simple present* e *present continuous*, como pode-se observar nos exemplos abaixo, respectivamente.

(5) *I've always been interested in death.*

‘Eu sempre me interessei pela morte.’

(6) *He still lives at home?*

‘Ele ainda mora em casa?’

² Os exemplos em (3) e (4) foram retirados de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155 e 156, respectivamente).

(7) *He's **having** bad luck with that car.*³

‘Ele está tendo má sorte com aquele carro.’

Em (5), tem-se a noção de que a situação de “estar interessado pela morte” começou em um dado momento do passado e permanece até o presente. Em (6), tem-se a noção de que a situação de “morar em casa” começou no passado e persiste até o presente. Além disso, destacam-se também os advérbios “*always*” (“sempre”) e “*still*” (“ainda”) nas sentenças em (5) e (6), que são advérbios de *perfect* universal e definem a fronteira à esquerda e fronteira à direita do intervalo estabelecido entre o momento de início da situação no passado e o momento de referência no presente. E, em (7), tem-se a noção de que a situação de “ter má sorte” se iniciou no passado e permanece até o presente.

Em investigação sobre a realização do *perfect* existencial, que é o foco deste trabalho, no inglês americano associado ao presente, Machado (2019) analisou dados de fala espontânea obtidos por meio de entrevistas de dois programas de *talk shows* da TV americana, a saber: *The Tonight Show Starring Jimmy Fallon* e *Jimmy Kimmel Live!*. Além disso, Machado (2019) também analisou dados de fala espontânea de falantes nativos norte-americanos obtidos por meio do *corpus* do projeto *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. E, por fim, a mesma autora também desenvolveu um teste linguístico de preenchimento de lacuna aplicado a falantes nativos dessa língua. A partir de tal investigação, Machado (2019) verificou que o *perfect* existencial é veiculado no inglês americano por meio das seguintes formas verbais: *present perfect*, *present perfect* com apagamento do auxiliar e *simple past*, como pode-se observar nos exemplos abaixo apresentados por Machado (2019), respectivamente.

(8) *Well, this one (vacation) was really good, but we've **had** some bad ones.*

‘Bom, essa (férias) foi muito boa, mas nós (já) tivemos algumas ruins.’

(9) *I **broken** actually tons (of bones).*

‘Eu, na verdade, (já) quebrei vários (ossos).’

³ Os exemplos de (5) a (7) foram retirados dos slides de apresentação de Jesus (2016) na 7ª Semana de Integração Acadêmica (SIAC) na UFRJ.

(10) *I went there before, it was fine.* ⁴

‘Eu fui lá antes, foi bom.’

Em (8), a situação de “ter tido férias ruins” aconteceu no passado e apresenta efeitos no presente, assim como em (9), em que “ter quebrado ossos” aconteceu no passado, mas repercute em um momento no presente. Além disso, destaca-se, em (9), a realização de “*broken*”, que é o particípio do verbo “*to break*” (“quebrar”) em inglês, em que o auxiliar “*have*” foi omitido. E, em (10), a situação de “ter ido lá” aconteceu em um determinado momento do passado e isso apresenta efeitos no presente.

Além disso, Machado (2019) verificou os seguintes advérbios associados ao *perfect* existencial: *already*, *before*, *just* e *recently*. Contudo, a autora destaca que o advérbio “*just*” pode não indicar a relevância da ação terminada, no presente, podendo ser interpretado apenas como uma situação que marca um ponto temporal no passado sem relação com o presente, e ressalta que o advérbio “*recently*” pode não garantir a leitura de relevância presente de uma situação terminada, podendo ser interpretado como um advérbio puramente de tempo passado, sem relação com o presente.

Em relação às realizações do aspecto *perfect* universal e existencial no português brasileiro, destaca-se o trabalho de Novaes e Nespoli (2014), em que os autores realizaram um estudo comparativo em relação às realizações do aspecto *perfect* no português brasileiro e no francês. Destacam-se, primeiramente, os apontamentos em relação ao português no que diz respeito à veiculação do *perfect* universal, em que verificaram que tal aspecto é veiculado no por meio das seguintes formas verbais: passado composto (“ter” + particípio), perífrase progressiva “estar” + gerúndio e presente simples, como pode-se observar nos exemplos abaixo, respectivamente.

(11) Eu **tenho estudado** para concursos.

(12) Eu **estou estudando** para concursos.

(13) Eu **moro** no Rio de Janeiro (desde 1990).⁵

⁴ Os exemplos de (8) e (10) foram retirados de Machado (2019, p. 16) e o exemplo em (9) foi retirado de Machado (2019, p. 18).

⁵ Os exemplos de (11) a (13) foram retirados de Novaes e Nespoli (2014, p. 267).

Em (11) e em (12), tem-se a noção de que a situação de “estar estudando” começou no passado e persiste até o presente. E, em (13), a situação de “morar no Rio” começou em um dado momento no passado, em 1990, e perdura até o presente. Novaes e Nespoli (2014) destacam que parece ser mais natural o uso da perífrase progressiva “estar” + gerúndio quando se trata de um fato recente e o uso do presente simples quando o fato indica um hábito. Os autores também evidenciam que as formas de passado composto e a perífrase progressiva “estar” + gerúndio parecem estar em competição e a perífrase parece ser a preferida a depender de fatores como a idade e o grau de formalidade.

Além disso, Novaes e Nespoli (2014) também destacam que o passado composto nem sempre pode ser combinado a alguns verbos, como, por exemplo, o verbo “morar”, como em (14):

(14a) *Eu **tenho morado** no Rio de Janeiro.

(14b) Eu **tenho morado** no Rio de Janeiro desde que meu irmão se mudou.⁶

Em (14a), a sentença é agramatical, pois um verbo da natureza aspectual semântica de “morar” parece desautorizar o emprego do passado composto. Porém, se a mesma frase for associada a uma expressão adverbial como “desde que meu irmão se mudou”, ela passaria a ser gramatical, como em (14b). Os autores acreditam que verbos do tipo “morar” não ensejam uma interpretação iterativa e, por esse motivo, não pode ser utilizado na forma de passado composto, a menos que seja em contextos restritos, como ilustrado em (14b).

Novaes e Nespoli (2014), em relação à veiculação do *perfect* existencial, que é o foco deste trabalho, verificaram que esse aspecto é veiculado no português brasileiro por meio do passado simples (pretérito perfeito simples) acompanhado de informação adicional, como, por exemplo, dos advérbios “já” ou “recentemente”, ou do contexto, como pode-se observar nos exemplos abaixo, respectivamente.

(15) João (já) **esteve** na América.

(16) O João **se formou** (recentemente).⁷

(17) João **perdeu** a chave (e ela continua perdida).⁸

⁶ Os exemplos em (14a) e (14b) foram retirados de Novaes e Nespoli (2014, p. 266).

⁷ Os exemplos em (15) e (16) foram retirados de Novaes e Nespoli (2014, p. 269)

⁸ O exemplo em (17) foi retirado de Novaes e Nespoli (2014, p. 268)

Nos três exemplos apresentados acima, tem-se a forma verbal de passado simples destacada em “esteve”, “se formou” e “perdeu”. Em (15) e (16), há uma informação adicional oferecida pelo advérbio, sendo este o “já” em (15) e o “recentemente” em (16). Já em (17), não há um advérbio, porém o contexto (“e ela continua perdida”) permite que se tenha a leitura de *perfect* existencial, em que, associado ao presente, faz emergir a ideia de que a situação de “perder a chave” ocorreu em determinado momento do passado e repercute no presente.

Ainda em relação ao *perfect* existencial no português brasileiro, Matos (2017) aponta que esse aspecto pode ser expresso, além do pretérito perfeito, como no exemplo em (18), por meio da perífrase “acabar de” no pretérito perfeito + infinitivo, como no exemplo em (19), e pelo presente do indicativo. Além disso, o advérbio que apareceu associado a grande parte das ocorrências foi o “já”.

(18) Já **testei** uma infinidade de marcas e achei todos bem iguais.⁹

(19) Bem, eu **acabei de me formar**.¹⁰

Em relação ao presente, que foi a morfologia verificada nos resultados de Matos (2017) e considerada a mais surpreendente, a autora indica que as ocorrências dessa morfologia obtidas por meio do teste linguístico de preenchimento de lacuna parecem ter sido decorrentes de falta de atenção do participante, porém as obtidas por meio da coleta de dados de fala espontânea parecem ter sido resultantes da possibilidade de realização de *perfect* existencial por essa morfologia, como nos exemplos a seguir:

(20) Você **tá** com o cabelo muito bem cortado.

(21) Eu abri a porta, a porta **está** aberta.¹¹

A autora destaca que a forma no presente aparece juntamente com os adjetivos “cortado” e “aberta”, que estabelecem uma relação entre passado e presente. O primeiro indica que uma pessoa, em dado momento do passado, cortou o cabelo e, no presente, o cabelo se encontra mais curto. O segundo revela que alguém, em determinado momento do passado, abriu a porta e, como resultado, ela encontra-se aberta no presente. De fato, no exemplo em (21), a forma de

⁹ Exemplo retirado de Matos (2017, p. 24).

¹⁰ Exemplo retirado de Matos (2017, p. 23).

¹¹ Os exemplos em (20) e (21) foram retirados de Matos (2017, p. 27).

pretérito perfeito do verbo da primeira oração parece servir para reforçar a noção aspectual de *perfect* existencial. Assim, a autora conclui que esse aspecto no português brasileiro, ao contrário do inglês, não parece apresentar uma morfologia específica que realize necessariamente a leitura de *perfect*, uma vez que as formas verbais encontradas podem veicular outros aspectos sem obrigatoriamente veicular o *perfect*, diferentemente do *present perfect* no inglês.

Nespoli (2018), além de apresentar informações presentes na literatura em relação às realizações do aspecto *perfect* no português, também realizou uma análise de *corpus* no português brasileiro. A partir de tais análises, a autora identificou que o *perfect* universal no português é veiculado pelas formas verbais de passado composto, presente simples e perífrase progressiva, que são formas verbais com valor de presente e que definem, portanto, a fronteira à direita do intervalo estabelecido entre o momento de início do evento e o momento de referência presente. Além disso, Nespoli (2018) destaca que, a essas formas, combinam-se advérbios/expressões adverbiais que definem a fronteira à esquerda ou as duas fronteiras do referido intervalo. No que diz respeito ao *perfect* existencial, foi identificada a forma verbal de passado simples, que é uma forma verbal com valor de passado e que define, portanto, a fronteira à esquerda do intervalo temporal focalizado no *perfect*. Além disso, a autora destaca que a essa forma se combinam advérbios/expressões adverbiais que definem a fronteira à direita desse intervalo.

Nespoli e Martins (2018) realizaram uma análise comparativa entre o português e o italiano em relação ao aspecto *perfect*. As autoras consideraram que as seguintes formas verbais veiculam *perfect* universal no português brasileiro: passado composto, presente do indicativo e perífrase progressiva. Em alguns desses casos, a leitura de *perfect* estava apoiada em informações temporo-aspectuais dispostas em expressões adverbiais. E, em relação ao *perfect* existencial no português brasileiro, as autoras identificaram a forma verbal de passado simples, que indica a finalização da situação cuja repercussão no presente é expressa por meio de advérbios/expressões adverbiais. Assim, Nespoli e Martins (2018) apontam que o passado composto ocorre apenas em contexto de expressão de *perfect* universal e que as formas verbais que ocorrem em contexto de expressão de *perfect* são diferentes para cada tipo de *perfect*. Além disso, elas também destacam que as expressões adverbiais associadas aos tipos de *perfect* são de naturezas diferentes.

Dessa forma, em resumo, tem-se que, no inglês americano, o *perfect* existencial associado ao presente pode ser veiculado pelo *present perfect*, *present perfect* com apagamento do auxiliar e pelo *simple past*. E, no português brasileiro, o *perfect* existencial associado ao

presente pode ser veiculado pelo passado simples acompanhado de outras informações na sentença, por “acabar de” no pretérito perfeito + infinitivo e pelo presente + adjetivo.

Assim, a partir dos estudos destacados anteriormente, percebem-se diferenças nas realizações morfológicas do aspecto *perfect* existencial associado ao presente nessas duas línguas e destaca-se o propósito de se comparar tais línguas, as quais apresentam, em relação ao fenômeno linguístico em questão, padrões de realização morfossintática distintos, possibilitando que se investigue o desenvolvimento do português L2 na mente de falantes nativos do inglês americano L1.

No próximo capítulo, apresentam-se estudos na literatura acerca da aquisição de L2.

3 AQUISIÇÃO DE L2

Neste trabalho, considera-se aquisição de L2 como um processo diferente daquele que ocorre na aquisição de L1. O processo de aquisição de L2 ocorre após o período crítico, ou seja, é tardio, dando-se após cerca de 12/13 anos de idade. O período crítico, segundo Lenneberg (1967), diz respeito ao período em que um falante é capaz de adquirir a sua L1. Meisel (2011) destaca que as crianças possuem a capacidade de adquirir a fala sem aparente esforço e sem serem ensinadas, porém o desenvolvimento do conhecimento linguístico na adolescência e na fase adulta demanda esforço, por exemplo, por meio de aulas em cursos de língua estrangeira, ainda que esse estudo e esforço não sejam suficientes para se alcançar o mesmo nível de proficiência das crianças em sua primeira língua. Desse modo, o autor estabelece uma distinção entre aquisição de L1, no primeiro caso, e aquisição de L2, no segundo.

Leffa (1988) destaca que o termo abrangente “L2” diz respeito a dois casos distintos: segunda língua e língua estrangeira¹². O primeiro diz respeito à língua aprendida sendo utilizada não apenas em sala de aula, mas também no cotidiano do falante, por exemplo, um norte-americano que estuda português e vive no Brasil. E o segundo diz respeito à língua aprendida não sendo utilizada na comunidade em que o falante está inserido, por exemplo, um norte-americano que estuda português e vive nos Estados Unidos da América. Neste trabalho, esse fator não foi considerado, de modo que os participantes do estudo poderiam pertencer a qualquer uma dessas situações.

White (2005) destaca que se desenvolveu a concepção de “interlíngua” a partir da proposta de que os aprendizes de L2 internalizavam uma gramática mental, um sistema de

¹² Neste trabalho são destacados somente esses dois termos, contudo entende-se também a existência de termos diversos, como “Língua de Acolhimento”, defendido por autores como Grosso (2010).

linguagem natural que pode ser descrito a partir de regras e princípios linguísticos. Desse modo, o foco da linguística gerativa tem sido especialmente na representação da interlíngua, considerando questões que envolvem a natureza da competência da interlíngua e se essa poderia ser considerada uma outra gramática, como, por exemplo, a GU. Além disso, ao considerar que a GU é essencial para que ocorra a aquisição da primeira língua a partir de princípios que restringem as gramáticas, se questiona o papel da GU na aquisição de uma segunda língua, especialmente no que diz respeito ao “acesso”, se esse acesso permanece disponível, de modo que as representações da interlíngua também seriam limitadas pela GU.

White (2005) também enfatiza a distinção entre o problema lógico e a disponibilidade da GU, em que o primeiro diz respeito aos aprendizes de L2 adquirirem conhecimento, que vai além do input da L2, e o segundo diz respeito ao desenvolvimento desse conhecimento, que poderia se dar mediado pela GU. Sendo assim, muitas hipóteses variam no que diz respeito ao acesso à GU – se não existe esse acesso, se é parcial ou se há acesso total – e à natureza da gramática da interlíngua – se é restringida pela GU da mesma forma que ocorre com a gramática da L1.

White (2005) destaca o estudo de Kanno (1997) sobre a operação *Overt Pronoun Constraint* (OPC) (“Restrição do Pronome Pleno”)¹³, com falantes de inglês L1 aprendizes de japonês como L2, que considerou que o tema em questão não é ensinado explicitamente ou discutido nos livros didáticos e também que essa restrição dos pronomes não estaria disponível a partir da L1 inglês. O estudo sugeriu que aprendizes adultos de L2 japonês percebem essa restrição no japonês, o que indicaria que as gramáticas da interlíngua são restringidas pela GU.

Em relação a esse estudo, White (2005) ressalta a importância de seus resultados não no que diz respeito ao fato de os aprendizes de L2 não diferirem nos resultados experimentais de maneira significativa dos falantes nativos, mas sim no que diz respeito ao fato de os aprendizes de L2 mostrarem uma diferença significativa nos resultados experimentais em suas aceitações de antecedentes quantificados dependendo do tipo de pronome (tal como estabelecido pela “Restrição do Pronome Pleno”), o que sugere que suas gramáticas da interlíngua fazem a distinção relevante entre antecedentes “lícitos” e “ilícitos” e que tal conhecimento não advém do ensino formal da L2 nem da sua L1.

¹³ O Princípio da “Restrição do Pronome Pleno” diz respeito à afirmação de que, em línguas em que se permitem tanto pronomes nulos quanto plenos, um pronome pleno não pode receber uma interpretação de variável vinculada, por exemplo, uma expressão quantificada como “*everyone*” (“todos”) ou um sintagma “*wh-*” como “*who*” (“quem”) como seu antecedente. Essa restrição é percebida em línguas como o japonês e o português, diferentemente do inglês, por aquelas conterem argumentos pronominais nulos e plenos. Assim, em português, por exemplo, a sentença “*Quem_i disse que ele_i compraria um carro?” é agramatical porque o pronome pleno “ele” não pode ter como antecedente “quem”.

Além disso, White (2005) aponta que a representação da interlíngua inicial pode ser classificada em dois tipos: i) está em conformidade com as propriedades de uma língua natural (ainda que não necessariamente a L2) ou ii) se difere das línguas naturais adultas em aspectos fundamentais (que, contudo, podem não ser permanentes). Na primeira categoria, a autora considera a Hipótese de Transferência Total/Acesso Total (FTFA) de Schwartz e Sprouse (1994, 1996) e também a Hipótese de Acesso Total de Epstein *et al* (1996) e, na segunda categoria, considera a Hipótese das Árvores Mínimas de Vainika e Young-Scholten (1994, 1996) e a proposição de Eubank (1993, 1994) de que inicialmente os traços não são nem fortes nem fracos, mas sim “inertes” ou “sem valor” (p. 9).

White (2005) destaca que Schwartz e Sprouse (1996) consideram que, diante do input da L2, os aprendizes adotam a representação que já possuem, de modo que a gramática da L2 constituiria o estado inicial da interlíngua. Logo, de acordo com a Hipótese de Transferência Total/Acesso Total, a representação da interlíngua é necessariamente distinta da gramática dos falantes nativos da L2, pelo menos inicialmente, sendo, no entanto, restrita pela GU. A representação da interlíngua pode ou não convergir com a gramática da L2 e, quando a representação da L1 não consegue acomodar o input da L2, o aprendiz recorre então às opções que estão disponíveis na GU.

A autora também destaca que, diferentemente do que é considerado na Hipótese de Transferência Total/Acesso Total, a Hipótese de Acesso Total de Epstein *et al* (1996) defende que a gramática da L1 não estaria envolvida no que diz respeito à representação inicial da interlíngua, de modo que a GU seria o estado inicial e que uma representação apropriada para a L2 seria construída sem necessidade de recorrer a categorias ou traços da L1. Ainda assim, ambas hipóteses compartilham a ideia de que a representação da interlíngua é uma gramática que é sancionada pela GU, tanto no estado inicial quanto posteriormente.

Em relação à Hipótese das Árvores Mínimas de Vainika e Young-Scholten (1994, 1996), White (2005) destaca que essa se assemelha à Hipótese de Transferência Total/Acesso Total no que diz respeito à ideia de que as propriedades da L1 são encontradas na representação inicial da L2. Porém, na Hipótese das Árvores Mínimas, postula-se de alguma maneira uma gramática da interlíngua “defeituosa” (p. 10), uma vez que se assume que, de maneira temporária, o estado inicial carece das categorias funcionais, pois somente as categorias lexicais da L1 estariam presentes, enquanto as categorias funcionais seriam desenvolvidas de maneira gradual.

Sobre a proposta de Eubank (1993, 1994), White (2005) destaca que tal proposição também considera que as gramáticas da interlíngua seriam de alguma maneira “defeituosas” e,

além disso, compartilha com Schwartz e Sprouse (1994, 1996) a suposição de que a gramática da L1 constitui uma parte importante do estado inicial, considerando que as categorias lexicais e funcionais da L2 estão presentes. Porém, a autora destaca que Eubank defende que a representação inicial carece de valores de traços totalmente especificados, apontando que pelo menos alguns traços da interlíngua são indeterminados ou “inertes”, diferente do que ocorre nas gramáticas das línguas naturais em que os traços são fortes ou fracos, o que sugere uma deficiência nesse domínio.

Assim, White (2003) destaca duas perspectivas distintas sobre as gramáticas de aprendizes e falantes de L2 no que diz respeito à GU e sua relação com as gramáticas da interlíngua. De um lado, argumenta-se que as gramáticas da interlíngua são defeituosas, diferindo-se da gramática dos nativos em aspectos fundamentais, de modo que as gramáticas da interlíngua não são totalmente restritas pela GU. E, por outro lado, argumenta-se que as gramáticas da interlíngua são restritas pela GU em todas as etapas. A partir dessas perspectivas, consideram-se diferentes hipóteses sobre o estado inicial na aquisição da L2. No que diz respeito às abordagens que consideram que as gramáticas da interlíngua são restritas pela GU, as hipóteses diferem-se quanto à extensão em que a L1 está envolvida nas representações da interlíngua.

A primeira hipótese diz respeito à Hipótese “No Parameter Resetting”, que indica que as gramáticas da interlíngua têm acesso somente às configurações de parâmetros realizadas na L1, o que indica que o sistema da interlíngua estaria restrito às representações baseadas na gramática da L1. Contudo, em relação a essa hipótese, White (2003) destaca que há estudos que apontam contrastes aspectuais não realizados na L1, indicando que tais falantes de L2 não poderiam estar restritos às características da L1.

Além disso, a autora destaca duas perspectivas que atribuem um papel mais dominante à GU, que indica que não somente as gramáticas da interlíngua estão restritas pela GU, mas também que os aprendizes e falantes de L2 não estariam limitados a representações baseadas na gramática da L1. Assim, os parâmetros podem ser configurados ou reconfigurados de acordo com a L2. A partir disso, a primeira hipótese destacada é a de acesso completo (sem transferência), que indica que a gramática da L1 não está presente nas representações da interlíngua, nem inicialmente, nem posteriormente. Logo, considera-se uma convergência no sistema linguístico da L2, o que indica um alcance final em competência semelhante ao da L2. Porém, White (2003) destaca que há casos em que as representações do estado estável apresentaram propriedades que seriam atribuídas à gramática da L1.

E, finalmente, a hipótese de transferência completa e acesso completo defende que tanto a GU quanto a gramática da L2 são importantes e influenciam as gramáticas da interlíngua. Nessa hipótese o estado inicial da interlíngua seria baseado na gramática da L1 e a reestruturação ocorreria de acordo com o input da L2 e de acordo com os limites permitidos pela GU. Logo, a convergência da gramática do aprendiz de L2 com a gramática de falantes nativos é possível, mas não garantida. White (2003) considera que somente a Hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo tem potencial de explicar tanto o alcance de uma competência final semelhante à de falantes nativos quanto o não alcance dessa competência. Neste trabalho, em consonância com White (2003), considera-se essa hipótese.

A partir das realizações morfológicas distintas de *perfect* existencial no inglês e no português apontadas no capítulo anterior, destaca-se a possibilidade de o estado inicial da interlíngua do aprendiz de português, falante nativo de inglês, conter realizações do aspecto em questão não correspondentes com as da língua alvo, o português. Assim, neste trabalho, considera-se se haverá ou não transferência do inglês L1 para o português L2, o que indicaria uma possível interferência da L1 na L2.

No próximo capítulo, aborda-se a metodologia desenvolvida neste estudo.

4 METODOLOGIA

Para que fossem alcançados os objetivos de investigar i) a aquisição do aspecto *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 de níveis iniciante, intermediário e avançado e ii) se há transferência do padrão de realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente do inglês norte-americano L1 para o português brasileiro L2 por aprendizes de níveis iniciante, intermediário e avançado, foram aplicadas duas versões em português de um teste linguístico de decisão adaptado de Rebouças (2021), a ser apresentado a seguir. Ambas as versões do teste foram disponibilizadas na plataforma *Google Forms* e os links foram enviados por e-mail e divulgados em redes sociais para preenchimento on-line diretamente pelo acesso ao link. Cada versão do teste foi respondida por um grupo distinto de falantes de inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro L2.

O teste de decisão adaptado de Rebouças (2021) consistia na apresentação de um contexto que elicitava o *perfect* existencial seguido de cinco sentenças que poderiam ou não completar satisfatoriamente o contexto dado. A tarefa solicitada era que os participantes selecionassem a(s) sentença(s) que completasse(m) adequadamente o contexto dado. As duas

versões do teste de decisão se diferenciam no que diz respeito às possibilidades de seleção de respostas pelos participantes: na primeira versão, o participante poderia selecionar uma ou mais opções adequadas ao contexto prévio, enquanto, na segunda, o participante poderia selecionar somente a opção de resposta que julgasse melhor completar o contexto inicial.

No teste linguístico de decisão adaptado de Rebouças (2021), considerou-se para a eliciação do *perfect* existencial somente o tipo resultativo (COMRIE, 1976)¹⁴, tendo sido utilizado nas cinco sentenças de cada estímulo-alvo apenas verbos do tipo *accomplishment* e o advérbio “já”. Optou-se pelo tipo resultativo, por fatores como o fato de que a noção de resultatividade é considerada a mais relevante, clara e importante no que diz respeito à relevância no presente de uma situação passada, típica do *perfect* existencial (COMRIE, 1976; NESPOLI, 2018). Além disso, considera-se que este se combina com eventos télicos (PANCHEVA, 2003) e, por esse motivo, optou-se por verbos do tipo *accomplishment*, pois são dinâmicos, durativos e télicos. Já a opção pelo advérbio “já” se deve ao fato de esse ser considerado o prototípico para a veiculação do *perfect* existencial (NESPOLI, 2018).

Nas duas versões do teste de decisão, foram apresentados 12 estímulos compostos por 5 sentenças cada, sendo 4 estímulos-alvo e 8 distratores. As sentenças de cada estímulo se diferenciavam apenas em relação às formas verbais. Nos estímulos-alvo, as formas verbais empregadas foram: passado simples, passado composto, passado composto com apagamento do auxiliar “ter”, presente simples e presente contínuo sem o auxiliar “estar”. Assim, as sentenças dos estímulos-alvo foram desenvolvidas incluindo as distintas formas verbais indicadas na literatura de realização do *perfect* existencial tanto em inglês quanto em português, para que fosse possível verificar uma possível transferência do padrão de realização morfológica da L1 para a L2, e formas verbais que gerassem sentenças agramaticais, para que fosse possível avaliar o engajamento do participante na tarefa e/ou a sua proficiência em português. Nos estímulos-alvo, para a eliciação do *perfect* existencial, foram usados os verbos “limpar”, “tomar”, “tirar” e “preparar”, como pode-se observar no quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Estímulos-alvo do teste de decisão.

¹⁴ Comrie (1976) classifica o *perfect* em quatro tipos: de situação persistente, experiencial, de passado recente e de resultado. O primeiro se assemelha ao “*perfect* universal” e os outros se assemelham ao “*perfect* existencial” a partir da classificação de autores como McCawley (1981). Para fins de ilustração, consideram-se os exemplos dados em Comrie (1976, p.56-60) de experiencial, “*Bill has been to America*”, de passado recente, “*Bill has just arrived*”, e de resultado, “*John has arrived*”.

<p>Levando em conta que o carro está limpo...</p> <p>a. Paola já limpa o carro.</p> <p>b. Paola já limpou o carro.</p> <p>c. Paola já limpando o carro.</p> <p>d. Paola já tem limpado o carro.</p> <p>e. Paola já limpado o carro.</p>	<p>Levando em conta que o bolo está pronto...</p> <p>a. Alexandre já tem preparado o bolo.</p> <p>b. Alexandre já preparou o bolo.</p> <p>c. Alexandre já preparado o bolo.</p> <p>d. Alexandre já prepara o bolo.</p> <p>e. Alexandre já preparando o bolo.</p>
<p>Levando em conta que não tem mais café na xícara...</p> <p>a. Pedro já tomado o café.</p> <p>b. Pedro já tomou o café.</p> <p>c. Pedro já toma o café.</p> <p>d. Pedro já tomando o café.</p> <p>e. Pedro já tem tomado o café.</p>	<p>Levando em conta que há uma foto do céu no celular da Thaís...</p> <p>a. Ela já tirou a foto do céu.</p> <p>b. Ela já tira a foto do céu.</p> <p>c. Ela já tirando a foto do céu.</p> <p>d. Ela já tem tirado a foto do céu.</p> <p>e. Ela já tirado a foto do céu.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação aos estímulos distratores do teste, em todos eles foi utilizado um contexto inicial que eliciasse a noção de futuro seguindo de cinco sentenças com distintas formas verbais, como pode-se observar no quadro 2 abaixo com dois exemplos de estímulos distratores.

Quadro 2. Exemplos de estímulos distratores do teste de decisão.

<p>Levando em conta que Helena está muito cansada...</p> <p>a. Ela dormirá muito amanhã.</p> <p>b. Ela vai dormir muito amanhã.</p> <p>c. Ela dorme muito amanhã.</p> <p>d. Ela dormiu muito amanhã.</p> <p>e. Ela está dormindo muito amanhã.</p>	<p>Levando em conta que Diogo quer melhorar o francês dele...</p> <p>a. Ele vai fazer intercâmbio ano que vem.</p> <p>b. Ele fará intercâmbio ano que vem.</p> <p>c. Ele está fazendo intercâmbio ano que vem.</p> <p>d. Ele faz intercâmbio ano que vem.</p> <p>e. Ele fez intercâmbio ano que vem.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pela autora.

Ressalta-se que, antes da apresentação do teste propriamente dito, os informantes eram submetidos a um questionário pessoal que possibilitaria avaliar o perfil dos participantes. Algumas das perguntas apresentadas foram: i) onde nasceu e onde vive; ii) se já morou em um país que tem o português como língua oficial e por quanto tempo; iii) há quanto tempo fala o português e se já fez curso/teve aulas; iv) quais habilidades linguísticas possui no português e v) qual o nível de proficiência em português de acordo com a sua própria opinião.

Em relação aos participantes, destaca-se que, a seguir, primeiramente, apresentam-se as informações dos participantes da primeira versão do teste de decisão, que diz respeito à versão em que os participantes poderiam selecionar mais de uma opção de resposta e, em seguida, aquelas dos participantes da segunda versão do teste de decisão, que diz respeito à versão em que os participantes poderiam selecionar somente uma opção de resposta.

Além disso, os critérios de exclusão de participantes estabelecidos para as duas versões do teste foram os seguintes: não ter nascido/crescido nos Estados Unidos da América e declarar não possuir a habilidade de leitura. Com base nesse critério, na primeira versão do teste, 3 participantes foram excluídos e, na segunda versão, somente 1 participante foi excluído.

Ainda, estabeleceu-se como critério de exclusão de participantes para as duas versões do teste a incidência nas respostas de um índice de equívocos acima de 9% nos estímulos distratores. Esse critério foi baseado na proposição de Harris e Wexler (1996), que apontam que erros em tarefas experimentais entre 7% e 9% são considerados erros de desempenho. Nas duas versões do teste, os estímulos distratores correspondiam ao tempo futuro e apenas a sentença que seguia o contexto inicial com a forma verbal de passado simples tornava a sentença agramatical. Dessa forma, seriam considerados equívocos casos em que o participante selecionasse essa opção de resposta especificamente. No entanto, destaca-se que nenhum participante selecionou essa opção de resposta nos estímulos distratores, de modo que nenhum participante foi excluído com base nesse critério.

Na primeira versão do teste, obteve-se um total de 12 respostas e, após as exclusões dos participantes, restaram um total de 9 respostas a serem analisadas. Assim, os participantes da primeira versão do teste são nativos norte-americanos, homens e mulheres, entre 25 e 38 anos, com ensino superior/mestrado. No quadro 3 abaixo pode-se observar informações desses participantes.

Quadro 3. Informações sobre os participantes da primeira versão do teste de decisão.

Inf.	Tempo de contato com a língua/Se já fez curso (quanto tempo)	Já morou em país em que o português é língua oficial	Habilidades	Nível de proficiência
1	6 anos / 2 anos de estudo	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário
2	Menos de 1 ano / Aulas online por cerca de 10 meses	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Iniciante/ Intermediário
3	Cerca de 5 meses de aula	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	A2
4	Cerca de 10 anos / Programa de imersão de 5 semanas	Não / Só visitou por 4 meses nos últimos 3 anos	Leitura, fala, escuta e escrita	Fluente
5	Cerca de 15 anos / semestre de aula e depois informalmente	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Muito avançado
6	2 anos de aulas	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Proficiência limitada (não fluente)
7	3 anos / Aulas por cerca de 2 anos e meio	Sim (Já morou no Brasil por cerca de 9 meses)	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário
8	9 meses de aula	Não	Fala e leitura	Iniciante
9	2 anos (Aulas online)	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário

Fonte: elaborado pela autora

Na segunda versão do teste, obteve-se um total de 12 respostas e, após uma única exclusão, restaram um total de 11 respostas a serem analisadas. Assim, os participantes da segunda versão do teste são nativos norte-americanos, homens e mulheres, entre 21 e 59 anos,

com ensino superior completo/incompleto e mestrado. No quadro 4 abaixo pode-se observar informações desses participantes.

Quadro 4. Informações sobre os participantes da segunda versão do teste de decisão.

Inf.	Tempo de contato com a língua/Se já fez curso (quanto tempo)	Já morou em país em que o português é língua oficial	Habilidades	Nível de proficiência
10	3 meses - Aulas online	Não	Fala, leitura, escrita	Iniciante
11	Poucos meses de aula	Não	Leitura	Iniciante
12	6 meses	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	A2
13	Algumas semanas de aula	Não	Leitura, fala, escuta	A1
14	Cerca de 10 anos / 2 anos de aula online	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário superior
15	8 meses	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário
16	3 anos / Poucas aulas	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Profissional
17	2 anos	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	Iniciante
18	2 anos e 8 meses / Nunca teve aulas	Não	Leitura, fala, escuta e escrita	C1
19	35 anos / 2 semestres na faculdade	Sim (20 anos no Brasil / 28 aos 48 anos)	Leitura, fala, escuta e escrita	Muito fluente

20	Cerca de 9 anos / Aulas na faculdade durante 4 anos	Sim / Duas vezes no Brasil durante um semestre e, em outro momento, uma semana	Leitura, fala, escuta e escrita	Intermediário
----	-----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------	---------------

Fonte: elaborado pela autora

A partir das informações apresentadas nos quadros acima, destaca-se o tempo de contato com o português dos participantes, que varia entre períodos menores que um ano e maiores que 10 anos, chegando a até 35 anos de contato com a língua, na segunda versão do teste. Especificamente, nesse caso, trata-se de uma informante com 59 anos, de modo que todos os informantes das duas versões do teste de decisão tiveram contato com a língua portuguesa já na fase adulta.

Destaca-se que há diversos critérios que podem ser considerados na análise de nível de proficiência, tais como: autoavaliação, tempo de exposição à língua, maneira em que ocorreu a exposição e exame de proficiência. Contudo, neste estudo, não foi possível realizar um exame antes do teste em si, o que impossibilita considerar esta última possibilidade. Dessa forma, de modo a enquadrar os participantes em diferentes níveis de proficiência, optou-se por considerar, neste trabalho, a autoavaliação dos participantes quanto ao nível de proficiência na língua portuguesa e o tempo de exposição informado no questionário. Para que fosse possível estabelecer um tempo específico para cada nível, buscou-se considerar informações sugeridas sobre as horas de aprendizagem que corresponderiam a cada nível e também o funcionamento de cursos de língua estrangeira no Brasil.

O *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR) (“Quadro Comum Europeu de Referências para as Línguas”) fornece uma descrição a respeito dos diferentes níveis de proficiência de um aprendiz. O CEFR apresenta uma divisão em A, B e C, em que o primeiro se refere ao aprendiz de nível básico e está dividido em A1 e A2; o segundo se refere ao aprendiz de nível independente e está dividido em B1 e B2 e o terceiro se refere ao aprendiz de nível proficiente e está dividido em C1 e C2. A partir de tal divisão, pode-se considerar que os níveis em A se referem ao “iniciante”, os níveis em B se referem ao “intermediário” e os níveis em C se referem ao “avançado”. Além disso, a partir das referências dadas, a *Cambridge English Language Assessment* (“Avaliação da língua inglesa da Cambridge”) estima horas de aprendizagem orientada que poderiam ser consideradas na atribuição de um nível a um aprendiz, como pode-se observar no quadro 5 abaixo.

Quadro 5. Horas estimadas pela *Cambridge* de aprendizagem orientada.

Nível de proficiência	Horas de aprendizagem orientada
A1 (iniciante)	90 a 100 horas
A2 (elementar)	180 a 200 horas
B1 (intermediário)	350 a 400 horas
B2 (intermediário superior)	500 a 600 horas
C1 (avançado)	700 a 800 horas
C2 (proficiente)	1000 a 1200 horas

Fonte: <https://support.cambridgeenglish.org/hc/en-gb/articles/202838506-Guided-learning-hours>

Além disso, diversos cursos de línguas estrangeiras costumam indicar um determinado nível a partir das horas de estudos semanais dentro de um determinado semestre considerando as horas de aprendizagem. Dessa forma, optou-se por considerar neste estudo a seguinte divisão: i) iniciante – até 2 anos de contato com a língua, ii) intermediário – de 2 a 4 anos de contato com a língua e iii) avançado – acima de 4 anos de contato com a língua.

Assim, na primeira versão do teste de decisão, os participantes de números (2), (3) e (8) foram considerados como de nível iniciante. Destaca-se que o participante (3) informou que seu nível de proficiência era o “A2”, que corresponde ao iniciante, e apenas o participante (2) demonstrou dúvida quanto ao seu nível de proficiência, porém, considerando que tal participante teve contato com a língua por menos de um ano, acredita-se que seu nível de proficiência possa ser considerado iniciante. Já os participantes (6), (7) e (9) foram considerados de nível intermediário, tendo o participante (6) indicado “proficiência limitada (não fluente)”, mas, pelo tempo de 2 anos de contato com a língua, poder ser considerado de nível intermediário. Finalmente, os participantes (1), (4) e (5) foram considerados de nível avançado, pois, apesar de indicarem um tempo de aula menor, informaram um tempo de contato com a língua acima de 4 anos.

Na segunda versão do teste de decisão, os participantes de números (10), (11), (12), (13) e (15) foram considerados de nível iniciante, todos com menos de 1 ano de contato com a língua. Já os participantes (16), (17) e (18) foram considerados de nível intermediário. Ressalta-se que, ainda que o participante (18) indique que seu nível de proficiência era o C1, seu tempo de contato com a língua era menor que 4 anos. Finalmente, os participantes (14), (19) e (20) foram

considerados de nível avançado, porque, ainda que dois deles, (14) e (20), se considerem “intermediário superior/intermediário”, todos tinham contato com a língua acima de 4 anos e, inclusive, declararam que estudaram/estudam a língua.

Logo, na primeira versão do teste, cada nível contou com 3 informantes e, na segunda versão, o nível iniciante contou com 5 informantes e os demais níveis com 3 informantes cada. Na próxima seção, apresentam-se os resultados das duas versões do teste de decisão e realiza-se também uma análise desses resultados.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

Neste capítulo, apresentam-se os resultados obtidos a partir das duas versões do teste de decisão e sua respectiva análise. No quadro 6 abaixo, pode-se observar os resultados dos participantes dos três níveis, iniciante, intermediário e avançado, na primeira versão do teste de decisão, em que os participantes podiam selecionar mais de uma forma verbal para cada estímulo-alvo. Além disso, nos quadros apresentados nesta seção, destaca-se com fundo em cinza as formas verbais que não correspondem à expectativa no que diz respeito à veiculação do aspecto *perfect* existencial em português.

Quadro 6. Morfologias selecionadas na eliciação do *perfect* existencial na primeira versão do teste de decisão.

Nível de proficiência - Iniciante (até 2 anos de contato com a língua)				
Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
2	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
3	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
8	Passado composto	Passado simples	Passado simples	Passado simples
	sem o auxiliar “ter”	Passado composto	Passado composto Passado composto sem o auxiliar “ter”	Passado composto
Nível de proficiência - Intermediário (de 2 a 4 anos de contato com a língua)				

Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
6	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
7	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
9	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto
Nível de proficiência - Avançado (acima de 4 anos de contato com a língua)				
Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
1	Passado simples	Passado simples Passado composto	Passado simples	Passado simples Passado composto
4	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto Passado composto sem o auxiliar “ter”	Passado simples Passado composto Passado composto sem o auxiliar “ter”	Passado simples Passado composto
5	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto	Passado simples Passado composto

Fonte: elaborado pela autora

Em relação aos resultados dos participantes do nível iniciante na primeira versão do teste de decisão, destaca-se que apenas um participante, o (8), selecionou uma forma verbal que não é possível no português brasileiro nesse contexto, passado composto, e uma forma verbal que não é possível no português brasileiro, passado composto sem o auxiliar “ter”. Essas duas formas verbais são possíveis no inglês como *present perfect* e *present perfect* com apagamento do auxiliar, o que pode indicar uma possível transferência da L1 inglês para L2 português. Além disso, em três estímulos-alvo, o participante selecionou também a forma de passado simples. Esse participante em específico indica ter menos de um ano de aula da língua portuguesa, nunca ter morado em país que tem como língua oficial o português, possuir as habilidades de fala e leitura e se considera de nível iniciante. Já os participantes (2) e (3) selecionaram apenas a forma

de passado simples, ambos informantes declararam também ter menos de um ano de aula, nunca ter morado em país que tem como língua oficial o português, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e um, o (2), se considera de nível iniciante/intermediário e outro, o (3), de nível iniciante.

Em relação aos resultados dos participantes do nível intermediário na primeira versão do teste de decisão, destaca-se que apenas um participante, o (9), selecionou uma forma verbal que não é possível no português brasileiro nesse contexto: passado composto. Além disso, o participante também selecionou a forma de passado simples em todos os estímulos-alvo. Esse mesmo participante indica ter 2 anos de aula da língua portuguesa, nunca ter morado em país que tem como língua oficial o português, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se considera de nível intermediário. Enquanto os outros participantes, o (6) e o (7) selecionaram apenas a forma de passado simples, o (6) afirma ter 2 anos de aula da língua, nunca ter morado em país que tem como língua oficial o português, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e ter um nível de proficiência limitada e o (7) indica ter cerca de 2 anos e meio de aula da língua, já ter morado no Brasil por cerca de 9 meses, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se considera de nível intermediário.

Em relação aos resultados dos participantes do nível avançado na primeira versão do teste de decisão, destaca-se que todos os 3 participantes selecionaram uma forma verbal que ou não é possível no português brasileiro nesse contexto ou não é possível no português brasileiro de maneira geral: passado composto e passado composto sem o auxiliar “ter”. Os participantes (1) e (5) selecionaram, além do passado simples, o passado composto. E o participante (4) selecionou, além do passado simples, o passado composto e o passado composto sem o auxiliar “ter”. Além disso, os participantes (4) e (5) indicam nunca ter morado em um país que tem como língua oficial o português e possuem as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se consideram fluente e muito avançado, respectivamente, porém apesar de ambos indicarem um tempo de contato com a língua acima de 10/15 anos, também indicaram terem tido pouco tempo de ensino formal da língua. Enquanto o participante (1) declara ter 6 anos de contato e 2 anos de aula, nunca ter morado em um país que tem como língua oficial o português e possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se considera de nível intermediário.

Como destacado no capítulo de metodologia, neste trabalho realizou-se a aplicação de um teste de decisão, que consistia na apresentação de um contexto que elicitava o *perfect* existencial seguido de cinco sentenças que poderiam ou não completar satisfatoriamente o contexto dado, em duas versões. Na primeira versão, o participante poderia selecionar uma ou mais opções adequadas ao contexto prévio, enquanto, na segunda, o participante poderia

selecionar somente a opção de resposta que julgasse melhor completar o contexto inicial. Assim, a partir dos resultados da primeira versão do teste de decisão, destacam-se que os participantes do nível iniciante, do nível intermediário e do nível avançado selecionaram formas verbais que não são possíveis no português brasileiro seja naquele contexto de eliciação de *perfect* existencial, seja em qualquer outro contexto. Dessa forma, diferente da expectativa, a transferência parece ter ocorrido independentemente do nível de proficiência dos participantes, tendo ocorrido em todos os níveis: iniciante, intermediário e avançado.

No quadro 7 abaixo, pode-se observar os resultados dos participantes dos três níveis, iniciante, intermediário e avançado, na segunda versão do teste de decisão, em que os participantes podiam selecionar apenas uma forma verbal para cada estímulo-alvo.

Quadro 7. Morfologias selecionadas na eliciação do *perfect* existencial na segunda versão do teste de decisão.

Nível de proficiência - Iniciante (até 2 anos de contato com a língua)				
Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
10	Passado composto sem o auxiliar “ter”	Presente	Passado composto	Passado composto
11	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Presente
12	Presente	Presente	Presente	Agramatical (“já preparando”)
13	Passado simples	Passado simples	Presente	Passado simples
15	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
Nível de proficiência - Intermediário (de 2 a 4 anos de contato com a língua)				
Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
16	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
17	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado composto

18	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
Nível de proficiência - Avançado (acima de 4 anos de contato com a língua)				
Inf.	Verbo – Limpar o carro	Verbo – Tomar o café	Verbo – Tirar a foto	Verbo – Preparar o bolo
14	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
19	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples
20	Passado simples	Passado simples	Passado simples	Passado simples

Fonte: elaborado pela autora

Em relação aos resultados dos participantes do nível iniciante na segunda versão do teste de decisão, destaca-se que apenas um participante, o (15), selecionou em todos os estímulos-alvo somente a forma possível no português: passado simples. Enquanto os participantes (10), (11), (12) e (13) selecionaram em ao menos um estímulo-alvo formas verbais não possíveis no português seja nesse contexto específico, seja em qualquer contexto. Além disso, todos esses participantes selecionaram uma forma verbal que não apareceu selecionada na primeira versão do teste de decisão, que é a forma de presente. E, especificamente, o participante (12) selecionou o presente em quase todos os estímulos, com exceção de apenas um verbo em que selecionou uma forma agramatical (“Alexandre já preparando o bolo”). Esse participante, em relação à pergunta sobre o tempo de contato/se estuda/já estudou a língua, informou apenas “6 meses”, sem especificar se tem aula da língua portuguesa, bem como declarou nunca ter morado em um país que tem como língua oficial o português, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se considerar de nível “A2”. Destaca-se também que os participantes (10), (11) e (13) declararam ter poucas semanas/meses de aula, nunca terem morado em um país que tem como língua oficial o português e se consideraram de nível iniciante (A1), tendo o (10) declarado possuir as habilidades de fala, leitura e escrita, o (11), somente leitura e o (13), leitura, fala e escuta.

Em relação aos resultados dos participantes do nível intermediário na segunda versão do teste de decisão, somente o participante (17) selecionou, em um dos estímulos-alvo, a forma de passado composto. Esse participante especificamente, em relação à pergunta sobre o tempo de contato/se estuda/já estudou a língua, informou apenas “2 anos”, sem especificar se tem aula da língua portuguesa, bem como declarou nunca ter morado em um país que tem como língua

oficial o português, possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita e se considerar de nível iniciante. Assim, apesar de ter um tempo de contato de 2 anos, o participante se considera de nível iniciante; logo, talvez seu contato com o português tenha ocorrido de uma maneira mais superficial e faça com que ele se considere de nível básico. Já os participantes (16) e (18) declaram ter tido pouca ou nenhuma aula e terem cerca de 3 anos de contato com a língua, nunca terem morado em um país que tem como língua oficial o português, possuem as habilidades de leitura, fala, escuta e escrita e serem de nível “profissional” e “C1”, respectivamente. Assim, apesar de pouca ou nenhuma aula formal da língua, ambos os participantes se consideram de um nível razoavelmente avançado, ao afirmar possuir um nível “profissional” e outro se considera de fato avançado, ao afirmar possuir um nível “C1”.

Em relação aos resultados dos participantes do nível avançado na segunda versão do teste de decisão, destaca-se que nenhum participante selecionou qualquer forma verbal que seria considerada não possível no português ou no contexto em questão. Além disso, todos esses participantes declararam ter contato com a língua há cerca de 9/10 e até 35 anos. O participante (14) declara 2 anos de aula, o (19), dois semestres na faculdade e o (20), quatro anos na faculdade. Todos declararam possuir as habilidades de fala, leitura, escuta e escrita. Apesar do tempo prolongado de contato, os participantes (14) e (20) se consideram “intermediário superior” e “intermediário”, respectivamente. E o participante (19) se considera “muito fluente”. Assim, apesar dos participantes (14) e (20) terem cerca de 9/10 anos de contato, pode ser que tal contato tenha sido reduzido com o tempo e, por isso, se avaliam com tais níveis de proficiência.

Logo, a partir dos resultados da segunda versão do teste de decisão, tem-se que os participantes de níveis iniciante e intermediário parecem transferir o padrão de realização verbal do *perfect* existencial associado ao presente da L1 inglês para a L2 português, enquanto os participantes de nível avançado parecem não transferir tal padrão da L1 inglês para a L2 português.

A partir de uma análise comparativa entre as duas versões do teste de decisão, destaca-se também uma diferença em relação aos resultados obtidos na segunda versão do teste de decisão: somente na segunda versão, alguns participantes selecionaram a forma verbal de presente e também uma forma agramatical. Além disso, na segunda versão do teste de decisão, nenhum participante do nível avançado selecionou uma forma verbal diferente do passado simples. Acredita-se que isso possa ter ocorrido devido ao participante poder selecionar apenas uma opção de resposta para completar o contexto inicial. Já uma semelhança entre as duas versões do teste é que, no nível intermediário, em ambas as versões, somente um participante

selecionou uma forma considerada não possível no português dentro do contexto de eliciação do *perfect* existencial.

Ainda que, a partir dos resultados, percebe-se que, em algumas respostas, os participantes selecionavam formas verbais diferentes do passado simples, a depender do estímulo, não se considera que tal resultado tenha sido decorrente do verbo empregado no estímulo. Tal interpretação está ancorada no fato de, no desenvolvimento do teste, terem sido utilizados apenas verbos do tipo *accomplishment*, de modo que entendemos que a seleção de outras formas verbais diferentes do passado simples não tenha sido em função do verbo empregado naquele estímulo-alvo específico.

As hipóteses adotadas neste estudo foram de que: i) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 em nível iniciante transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente e ii) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 em nível intermediário e avançado não transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente. Assim, a partir dos resultados das duas versões do teste de decisão, tem-se que a hipótese (i) não foi refutada, pois aprendizes de nível iniciante parecem transferir padrões da L1 para L2, enquanto a hipótese (ii) foi refutada, especialmente por conta dos aprendizes de nível intermediário, uma vez que se percebe que somente na primeira versão do teste os aprendizes de nível avançado parecem transferir padrões da realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente da L1 inglês para L2 português.

Alguns questionamentos podem ser levantados a partir de tais resultados. O primeiro deles diz respeito aos informantes, em que é possível considerar que participantes do nível iniciante talvez não conheçam o passado composto no português e, por essa razão, não selecionam essa opção de resposta, enquanto os informantes de nível avançado provavelmente conhecem o passado composto no português e, por já terem tido contato com essa forma verbal, selecionam essa opção de resposta.

O segundo questionamento diz respeito à transferência da L1 inglês para a L2 português que parece existir por parte dos aprendizes de nível avançado. Sobre esse ponto, é possível discutir que tal transferência: i) pode não estar atrelada ao tempo de contato com a língua ou ao nível de proficiência dos participantes, de modo que mesmo aprendizes de nível avançado fazem essa transferência ou ii) ter sido resultante do enquadre dos participantes nesses três níveis de proficiência, que pode não ter sido devidamente preciso, de modo que seria necessário um aprimoramento do questionário e dos critérios para avaliação dos diferentes níveis de cada informante.

Na seção seguinte, de considerações finais, retomam-se os principais pontos discutidos nesta monografia, os resultados obtidos, possíveis contribuições do estudo desenvolvido e lacunas e desdobramentos desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, desenvolveu-se um estudo com o objetivo de contribuir para os estudos de aquisição de L2 e para a investigação da realização do aspecto *perfect* existencial. Especificamente, buscou-se investigar: i) a aquisição do aspecto *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 de níveis iniciante, intermediário e avançado e ii) se há transferência do padrão de realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente do inglês norte-americano L1 para o português brasileiro L2 por aprendizes de níveis iniciante, intermediário e avançado. As hipóteses adotadas foram de que: i) falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2 em nível iniciante transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente e ii) falantes nativos do inglês norte-americanos aprendizes de português brasileiro como L2 em nível intermediário e avançado não transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente.

A metodologia consistiu na aplicação de um teste linguístico de decisão, adaptado de Rebouças (2021), em duas versões, uma delas com possibilidade de seleção de mais uma resposta e outra com a exigência de se selecionar somente uma resposta.

A partir dos resultados, a hipótese (i) não foi refutada, pois confirmou-se que aprendizes de português brasileiro como L2 em nível iniciante transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente. E a hipótese (ii) foi refutada, pois percebeu-se que aprendizes de português brasileiro como L2 em nível intermediário e avançado transferem padrões da L1 para L2 quanto à realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente. Assim, considera-se que a transferência da L1 inglês para a L2 português parece estar relacionada ao tempo de contato com a língua ou ao nível de proficiência ou talvez o enquadre adotado neste trabalho não se mostrou suficientemente preciso e possa passar por um aprimoramento em relação ao questionário e aos critérios para avaliação adotados.

Destaca-se a contribuição deste trabalho para estudos de aquisição de L2 e para a investigação da realização do aspecto *perfect* existencial associado ao presente por falantes nativos do inglês norte-americano aprendizes de português brasileiro como L2. Além disso, este

estudo também pode contribuir com questionamentos relevantes no que diz respeito ao ensino de português para estrangeiros a partir das diferenças de realização desse aspecto nas línguas inglesa e portuguesa que são pertinentes no ensino do idioma.

Por fim, como passos futuros, considera-se a possibilidade de se estender este estudo a mais informantes e considerar mais e também diferentes critérios para a classificação de nível de proficiência dos aprendizes. Além disso, considera-se também a possibilidade de mudanças no teste linguístico de decisão como o acréscimo de uma opção com a perífrase “acabar de” no pretérito perfeito + infinitivo, além da inclusão de novos testes linguísticos a serem realizados pelos aprendizes.

REFERÊNCIAS

Cambridge English. **Cambridge English Language Assessment**. 2020. Disponível em: <https://support.cambridgeenglish.org/hc/en-gb/articles/202838506-Guided-learning-hours>.

Acesso em: 17 jun. 2023.

CEFR. **Common European Framework of Reference for Languages**. 2022. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>. Acesso em:

16 jun. 2023.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. Londres/Paris: Mouton, 1957.

COMRIE, Bernard. **Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge university press, 1976.

GROSSO, Maria J. 2010. Língua de acolhimento, língua de integração. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, 9(2): 61. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rhla.v9i2.886>. Acesso em: 10 mai. 2023.

HARRIS, Tony; WEXLER, Kenneth. The optional-infinitive stage in child English: Evidence from negation. In: CLAHSEN, Harald. **Generative perspectives on language acquisition: Empirical findings, theoretical considerations and crosslinguistic comparisons**. John BenjaminsPublishing, 1996.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

JESUS, Júlia L. **O aspecto perfect no inglês dos Estados Unidos (IEU) e no português do Brasil (PB): uma análise do perfect do tipo universal**. Anais da 7a SIAC. Rio de Janeiro, UFRJ. 2016.

LENNEBERG, Eric H. The biological foundations of language. **Hospital Practice**, v. 2, n. 12, p. 59-67, 1967.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MACHADO, Fernanda C. S. **As realizações morfossintáticas do perfect existencial no inglês americano**. 2019. Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9899/3/FCSMachado.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MATOS, Ana. **O aspecto perfect no português do Brasil (PB): uma análise do tipo existencial**. 2017. Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MCCAWLEY, James D. Notes on the English present perfect. **Australian journal of linguistics**, v. 1, n. 1, p. 81-90, 1981.

MEISEL, Jürgen M. **First and second language acquisition: Parallels and differences**. Cambridge University Press, 2011.

NESPOLI, Juliana B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NESPOLI, Juliana B.; MARTINS, Adriana L. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos**

Linguísticos, v.60, n.1, p.30-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649668>. Acesso em: 28 maio 2023

NOVAES, Celso V.; NESPOLI, Juliana B. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, v.11, n. 1, p. 255-279. 2014. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/356>. Acesso em: 20 maio 2023.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika&VON STECHOW, Arnim(Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003, p. 277-308.

REBOUÇAS, Érica S. **A realização morfossintática do aspecto perfect por falantes bilíngues de espanhol e inglês de Porto Rico**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

WHITE, Lydia. **Second language acquisition and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WHITE, Lydia. On the Nature of Interlanguage Representation: Universal Grammar in the Second Language. **The Handbook of Second Language Acquisition**. Doughty, Catherine J. and Michael H. Long (eds). Blackwell Publishing, 2005.